

A atualidade da Psicanálise

Rogério Quintella

A democracia vive hoje dias de tormento. No Brasil, assistimos diariamente falas ameaçadoras às instituições democráticas, a exaltação da tortura, a menção enaltecida ao AI-5, etc. De outro lado, assistimos diariamente a formação de "movimentos totalitários", noção definida por Hannah Arendt (2009 [1949]) e elucidada num dos artigos deste Dossiê, o de Pedro Cattapan. Isto não se inscreve apenas no reducionismo quase infantil das polaridades "direita" e "esquerda", mas numa fração que parece irrefreável de segmentos sociais sectaristas, totalizadores e reativos aos problemas sociais e econômicos do mundo, de maneira devastadora.

Nesse cenário preocupante, a Revista Ecos e a produção acadêmica assumem um importante papel. E como não poderia deixar de ser, buscamos contemplar a reflexão sobre a subjetividade sempre alinhada ao contexto pelo qual ultrapassamos.

A psicanálise é um campo que, além de estar sempre aberto à revisão, tal como salientou o próprio Lacan (2005 [1954]) já no seu primeiro Seminário sobre os textos de Freud, reconduz sua reflexão teórico-clínica ao exercício do pensamento crítico. Se hoje nos interpelamos sobre novos contextos, novos arranjos sintomáticos, novas formas de responder ao mal-estar cultural, a psicanálise dá mostras de que, na via de uma práxis clínica autêntica, é um discurso que faz girar outros discursos, uma forma de laço social cuja atualidade não se potencializa pela via da doxa rotineira, nem da paixão corrosiva, nem de uma militância pseudo-intelectual, mas da clínica que subverte qualquer generalidade trivial, indo na direção da pura diferença. Nesse sentido, a atualidade da psicanálise está em operar transformações radicais a partir do um a um, na produção da diferença absoluta como dizia Lacan (2005 [1964]) sobre o desejo do analista, cujos efeitos são muitas vezes bem mais subversivos do que a formação de movimentos que pinçam a identidade social como via de expurgação da alteridade e a catarse histórica coletiva sem fundamentação que tenta fechar o conjunto das identidades em totalizações desastrosas do ponto de vista social e político.

É neste enredo que ideias aqui propostas por artigos sobre totalitarismo, amor e política, sofrimento psíquico em saúde mental, psicanálise contemporânea, arte, música, abordagem do luto por suicídio e da toxicomania no contemporâneo, que o Dossiê "A Atualidade da Psicanálise" visa constituir um caminho de debate acadêmico sobre as questões que envolvem a subjetividade ligada às vicissitudes dos problemas que vivemos hoje, tanto do ponto de vista sócio-político, quanto do ponto de vista teórico-clínico a partir do qual a subversão do sujeito pode ser debatida efetivamente. Agradecemos as contribuições de Pedro Cattapan, com seu artigo "Melancolia, persuasão e totalitarismo", a Daniel Coelho e Joelma Galvão de Lemos, com seu texto "Amor e Política em tempos de rede social online", a Tânia Inessa pelo artigo "Sofrimento psíquico e convivência", a Augusto Coelho pela rica reflexão sobre a psicanálise contemporânea, a Pedro Laureano com sua abordagem sobre "Música e Psicanálise", a Carla Almeida e Giselle Kosovski, pelo belo texto sobre "Paradoxos da obra como solução e o efeito Werter", às autoras e autores do

Rogério Quintella

Universidade Federal Fluminense

Psicanalista, Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professor da Universidade Federal Fluminense (PUFG), Coordenador do NEPESC/UFF.

rrquintella@hotmail.com

texto "Processos de luto por suicídio" e a Alisson Ferreira com o artigo sobre a produção psicanalítica atual acerca da questão da toxicomania.

Este número apresenta também temas livres com interessantes e diferentes enfoques, como a discussão sobre adolescência e ato transgressor, a construção do cuidado no campo das políticas públicas, a questão atualíssima da redução de danos na política sobre drogas, o problema da violência obstétrica, o campo das políticas de saúde na experiência de gestantes tupinikim, a abordagem da esquizofrenia num âmbito inovador, além da abordagem excepcional, rara e inigualável sobre a subjetividade na experiência do mutismo seletivo.

São textos de enorme quilate, que enriquecem nosso campo de pesquisa e compõem este número com inovadoras produções no campo da subjetividade, tanto no que tange os artigos em tema livre quanto aqueles que compõem o Dossiê "A atualidade da psicanálise".

Com efeito, o Dossiê aqui apresentado, demonstra que a psicanálise deixa marcas de sua atualidade, dado que o gênio de Freud, ao escutar no discurso neurótico a existência do inconsciente, acatando à demanda pela fala das mulheres de sua época, abriu um universo que permite hoje a nós, cidadãos perplexos com os retrocessos de todos os lados da vida sócio-política, uma via de possibilidade de produção de algo novo que escape das amarras superegóicas próprias de um empuxo à totalização e à morte. Numa via que é a da pura diferença e numa lógica que é a da não totalização, a psicanálise não apenas aparece como revisora de seus próprios achados, visando atualizar-se: ela vai muito além disso, dando mostras de sua própria atualidade.

Boa Leitura!

Rogério Quintella

Referências:

ARENDDT, H. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo (1949). São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

LACAN, J. **O Seminário Livro 1 - Os escritos técnicos de Freud** (1954). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. **O Seminário Livro 11 - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.